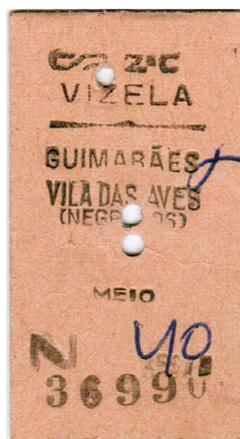


(Sem Título)



**Aprendi a gostar de comboios** com a barriga no chão. Nessa altura, os velhos motores a diesel puxavam as carruagens que eu via passar mesmo em frente à janela do meu quarto, por cima de uma fábrica rosada. Ficava ali deitado, com o corpo colado na alcatifa, a olhá-los. E a pensar em como seria a próxima vez que pudesse entrar num.

Aos meus olhos de quatro anos, os carris do comboio deviam estar no telhado dessa fábrica. Era essa a ideia que dava quando olhava, desde a minha casa, por entre os telhados do bairro industrial de Guimarães.

Naquele momento, já a máquina entrara na última recta antes da estação. Normalmente o comboio apitava, depois da última curva. E para mim era uma espécie de alarme privado, que me arrancava aos outros afazeres de menino e me sugava até à janela, onde os meus olhos castanhos procuravam as janelas das carruagens. À noite, regalava-me com o brilho das luzes do seu interior a transformarem-se num feixe cada vez menos nítido, à medida que o comboio afrouxava a marcha.

Já sabia tudo sobre os comboios na primeira vez que entrei num. Pelo menos achava eu, do alto dos meus orgulhosos quatro anos. Ainda guardo o meu primeiro bilhete. Meio bilhete que me comprou o meu pai. Devia ser um sábado e aquele pequeno pedaço de cartão alaranjado era um tesouro para preservar. Um verdadeiro ícone dos caminhos-de-ferro portugueses.

Não saí de Guimarães: fiz apenas a viagem entre a estação do centro da cidade e a vila de Vizela. Eram oito quilómetros, mas para mim era a Odisseia. Devo ter ido ao parque das Termas, já não me recordo bem. Mas lembro-me da cor e do cheiro da carruagem. Os bancos eram enormes e a janela era tão grande. Do lado de lá do vidro, o mundo passava tão depressa. Mas eu não queria saber do mundo.

Hoje, quando viajo de comboio, perco-me a olhar pela janela, a descobrir as intermitências da paisagem industrial do Ave, a monumentalidade do Douro ou as mutações que um país pequeno como Portugal oferece numa viagem entre Porto e Lisboa.

Mas nesses tempos de miúdo era o comboio que me fascinava. Ficava absorto a ouvir todos os seus ruídos. Imaginava a origem deles. Cheirava o tecido que cobria os bancos da carruagem. Ficava imóvel a fitar a figura mágica do revisor – eu sempre quis ter um pica –, vestido de forma respeitável. Não demorava muito até a viagem chegar ao fim, mas eu não queria ir brincar no parque. Queria era voltar ao comboio e seguir viagem.

Samuel Silva, 2009